

NOVA POESIA PORTUGUEZA NO SEU ASPECTO PSYCHOLOGICO.
(Conclusão).

VI

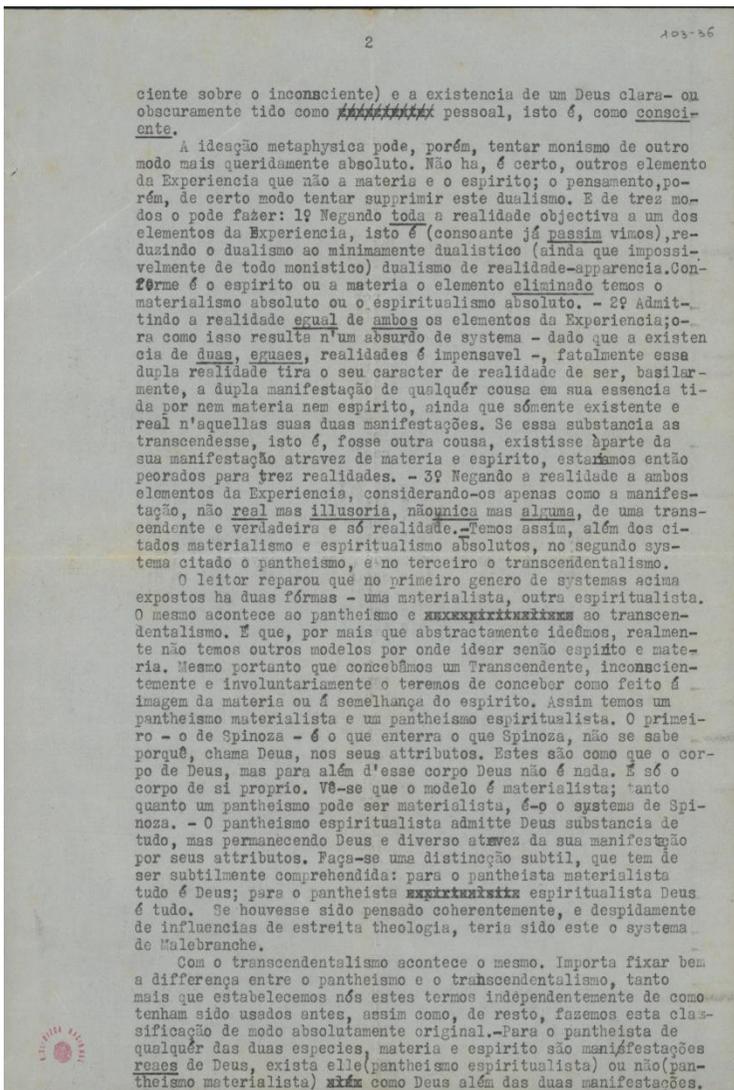
Na classificação dos systemas philosophicos temos a considerar duas cousas: a constituição do espirito e os fins a que tende na sua actividade metaphysica.

O espirito humano, por sua propria natureza de duplamente - interiormente e exteriormente - percipiente, nunca pode pensar senão em termos de um dualismo qualquér; mesmo que se esforce por chegar, e até certo ponto chegue, a uma concepção altamente monistica, dentro d'essa concepção monistica ha um dualismo. Mesmo que dos dois elementos constitutivos da Experiencia - materia e espirito - se negue a realidade a um, não se lhe nega a existencia como *irrealidade*, como *apparencia* - o que transforma o dualismo espirito-materia em dualismo realidade-apparencia; mas realidade-apparencia é, para o espirito, um dualismo.

O genero de dualismo, porém, depende de, é condicionado por, o que se considera a Realidade Absoluta, a realidade realmente real; e é a procura d'essa realidade que é o fim da especulação metaphysica. O espirito não pode admittir duas realidades absolutas: a idéa de realidade absoluta envolve a idéa de unidade. Mesmo, portanto, que o espirito admitta, como em alguns systemas - e flagrantemente no espiritualismo classico - acontece, dois principios com equal objectividade reaes, é forçado a admittir que o genero de realidade de um d'esses principios é superior ao da do outro.

Temos, pois, que todo o systema philosophico envolve um dualismo e um monismo. A constituição do espirito impõe-lhe, por mais que elle lhe queira fugir, que pense dualisticamente; a noção de realidade obriga-o a pensar monisticamente. O espirito não pode construir um systema pura- e integralmente monistico; e um systema puramente dualistico não seria um systema philosophico.

Todo o systema philosophico sendo, portanto, a tentativa para reduzir a um monismo o dualismo essencial do nosso espirito, é de subentender que represente uma systematisação de elementos da Experiencia em torno áquella parte da Experiencia - materia ou espirito - que o philosopho, por razões que, em sua essencia, são de temperamento, considera a Realidade. Temos pois que, consoante para o philosopho o espirito ou a materia se apresenta como a realidade essencial, um de dois systemas pode directamente surgir - o espiritualismo ou o materialismo. - Para o materialista a forma especial de realidade, seja ella especialisadamente qual fôr no seu especial systema, é sempre uma realidade de que forma parte inalienavelmente um elemento ou *espacial*, ou, pelo menos, de *inconsciencia*. - Para o espiritualista, atravez das varias formas que pode tomar o espiritualismo, ha sempre de central e essencial um elemento, o elemento *consciencia*, que é o que o espirito immediatamente concebe como sua base propria. D'aqui partem todas as theorias caracteristicas do espiritualismo - a immortalidade da alma (concebida impossibilidade de annular a consciencia), o livre-arbitrio (concebida superioridade do cons-

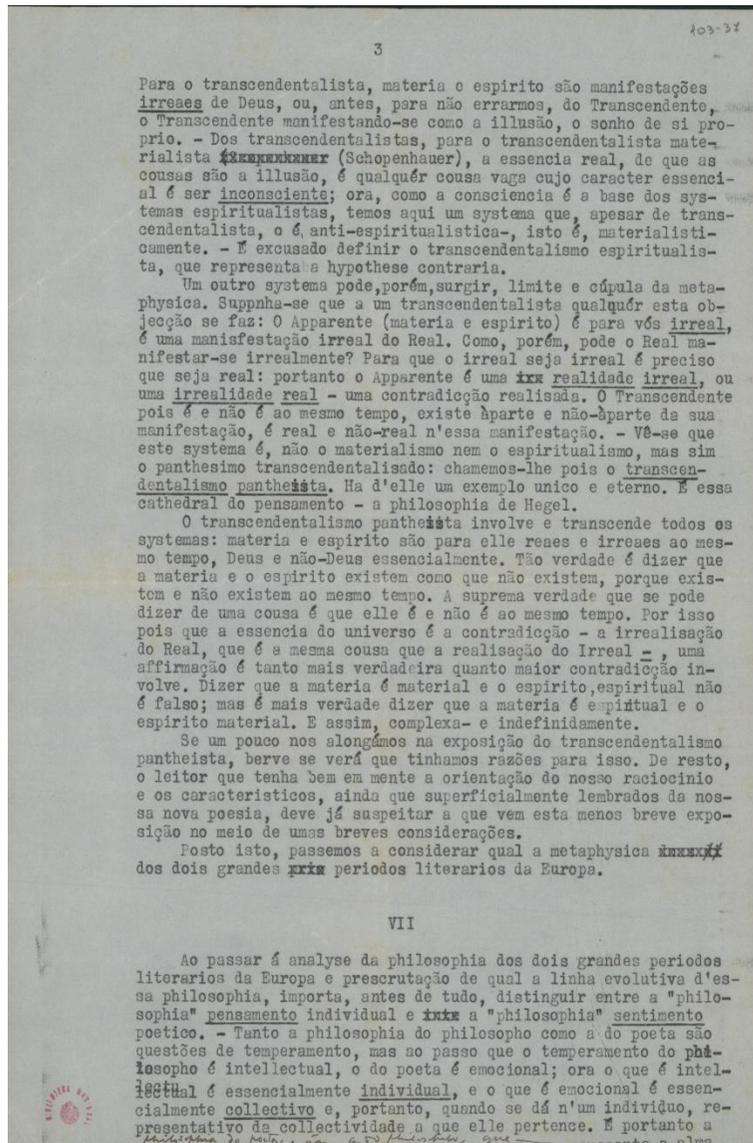


ciente sobre o inconsciente) e a existencia de um Deus clara- ou obscuramente tido como ~~consciente~~ pessoal, isto é, como consciente.

A ideação metaphysica pode, porém, tentar monismo de outro modo mais queridamente absoluto. Não ha, é certo, outros elementos da Experiencia que não a materia e o espirito; o pensamento, porém, de certo modo tenta supprimir este dualismo. E de trez modos o pode fazer: 1.º Negando toda a realidade objectiva a um dos elementos da Experiencia, isto é (consoante já *passim* vimos), reduzindo o dualismo ao minimamente dualistico (ainda que impossivelmente de todo monistico) dualismo de realidade-apparencia. Conforme é o espirito ou a materia o elemento eliminado temos o materialismo absoluto ou o espiritualismo absoluto. - 2.º Admittindo a realidade igual de ambos os elementos da Experiencia, ora como isto resulta n'um absurdo de systema - dado que a existencia de duas, eguaes, realidades é impensavel -, fatalmente essa dupla realidade tira o seu caracter de realidade de ser, basilamente, a dupla manifestação de qualquer coisa em sua essencia tida por nem materia nem espirito, ainda que sómente existente e real n'aquellas suas duas manifestações. Se essa substancia as transcendesse, isto é, fosse outra coisa, existisse à parte da sua manifestação a través de materia e espirito, estaríamos então peorados para trez realidades. - 3.º Negando a realidade a ambos elementos da Experiencia, considerando-os apenas como a manifestação, não real mas illusoria, não unica mas alguma, de uma transcendente e verdadeira e só realidade. - Temos assim, além dos citados materialismo e espiritualismo absolutos, no segundo systema citado o pantheismo, e no terceiro o transcendentalismo.

O leitor reparou que no primeiro genero de systemas acima expostos ha duas fórmãs - uma materialista, outra espiritualista. O mesmo acontece ao pantheismo e ~~ao~~ ~~espiritualismo~~ ao transcendentalismo. É que, por mais que abstractamente ideemos, realmente não temos outros modelos por onde idear senão espirito e materia. Mesmo portanto que concebâmos um Transcendente, inconscientemente e involuntariamente o teremos de conceber como feito á imagem da materia ou á semelhança do espirito. Assim, temos um pantheismo materialista e um pantheismo espiritualista. O primeiro - o de Spinoza - é o que enterra o que Spinoza, não se sabe porquê, chama Deus, nos seus attributos. Estes são como que o corpo de Deus, mas para além d'esse corpo Deus não é nada. É só o corpo de si proprio. Vê-se que o modelo é materialista; tanto quanto um pantheismo pode ser materialista, é-o o systema de Spinoza. - O pantheismo espiritualista admite Deus substancia de tudo, mas permanecendo Deus e diverso a través da sua manifestação por seus attributos. Faça-se uma distincção subtil, que tem de ser subtilmente comprehendida: para o pantheista materialista tudo é Deus; para o pantheista ~~espiritualista~~ espiritualista Deus é tudo. Se houvesse sido pensado coherentemente, e despidamente de influencias de estreita theologia, teria sido este o systema de Malebranche.

Com o transcendentalismo acontece o mesmo. Importa fixar bem a differença entre o pantheismo e o transcendentalismo, tanto mais que estabelecemos nós estes termos independentemente de como tenham sido usados antes, assim como, de resto, fazemos esta classificação de modo absolutamente original. - Para o pantheista de qualquer das duas especies, materia e espirito são manifestações reaes de Deus, exista elle (pantheismo espiritualista) ou não (pantheismo materialista) ~~além~~ como Deus além das suas duas manifestações.



Para o transcendentalista, materia e espirito são manifestações irreaes de Deus, ou, antes, para não errarmos, do Transcendente, o Transcendente manifestando-se como a illusão, o sonho de si proprio. - Dos transcendentalistas, para o transcendentalista materialista ~~(Schopenhauer)~~ (Schopenhauer), a essencia real, de que as cousas são a illusão, é qualquer cousa vaga cujo caracter essencial é ser inconsciente; ora, como a consciencia é a base dos systemas espiritualistas, temos aqui um systema que, apesar de transcendentalista, o é anti-espiritualistica-, isto é, materialisticamente. - É excusado definir o transcendentalismo espiritualista, que representa a hypothese contraria.

Um outro systema pode, porém, surgir, limite e cúpula da metaphysica. Supponha-se que a um transcendentalista qualquer esta objecção se faz: O Apparente (materia e espirito) é para vós irreal, é uma manifestação irreal do Real. Como, porém, pode o Real manifestar-se irrealmente? Para que o irreal seja irreal é preciso que seja real: portanto o Apparente é uma ~~irre~~ realidade irreal, ou uma irrealidade real - uma contradicção realisada. O Transcendente pois é e não é ao mesmo tempo, existe à parte e não-à parte da sua manifestação, é real e não-real n'essa manifestação. - Vê-se que este systema é, não o materialismo nem o espiritualismo, mas sim o panthesimo transcendentalizado: chamemos-lhe pois o transcendentalismo pantheista. Há d'elle um exemplo unico e eterno. É essa cathedral do pensamento - a philosophia de Hegel.

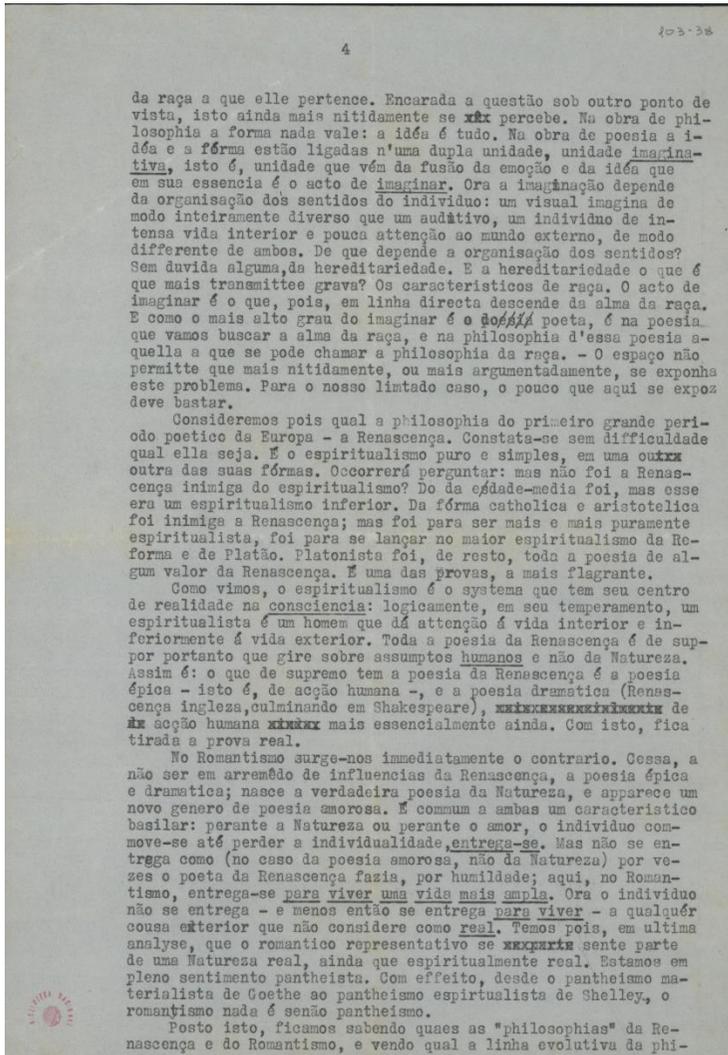
O transcendentalismo pantheista envolve e transcende todos os systemas: materia e espirito são para elle reaes e irreaes ao mesmo tempo, Deus e não-Deus essencialmente. Tão verdade é dizer que a materia e o espirito existem como que não existem, porque existem e não existem ao mesmo tempo. A suprema verdade que se pode dizer de uma cousa é que elle é e não é ao mesmo tempo. Por isso pois que a essencia do universo é a contradicção - a irrealização do Real, que é a mesma cousa que a realização do Irreal - , uma afirmação é tanto mais verdadeira quanto maior contradicção envolve. Dizer que a materia é material e o espirito, espiritual não é falso; mas é mais verdade dizer que a materia é espiritual e o espirito material. E assim, complexa- e indefinidamente.

Se um pouco nos alongámos na exposição do transcendentalismo pantheista, breve se verá que tinhamos razões para isso. De resto, o leitor que tenha bem em mente a orientação do nosso raciocinio e os caracteristicos, ainda que superficialmente lembrados da nossa nova poesia, deve já suspeitar a que vem esta menos breve exposição no meio de umas breves considerações.

Posto isto, passemos a considerar qual a metaphysica ~~deos di~~ dos dois grandes ~~xxx~~ periodos literarios da Europa.

VII

Ao passar á analyse da philosophia dos dois grandes periodos literarios da Europa e prescrutação de qual a linha evolutiva d'essa philosophia, importa, antes de tudo, distinguir entre a "philosophia" pensamento individual e ~~inte~~ a "philosophia" sentimento poetico. - Tanto a philosophia do philosopho como a do poeta são questões de temperamento, mas ao passo que o temperamento do philosopho é intellectual, o do poeta é emocional; ora o que é intellectual é essencialmente individual, e o que é emocional é essencialmente colectivo e, portanto, quando se dá n'um individuo, representativo da collectividade a que elle pertence. É portanto a philosophia do poeta, e não a do philosopho, que representa a alma



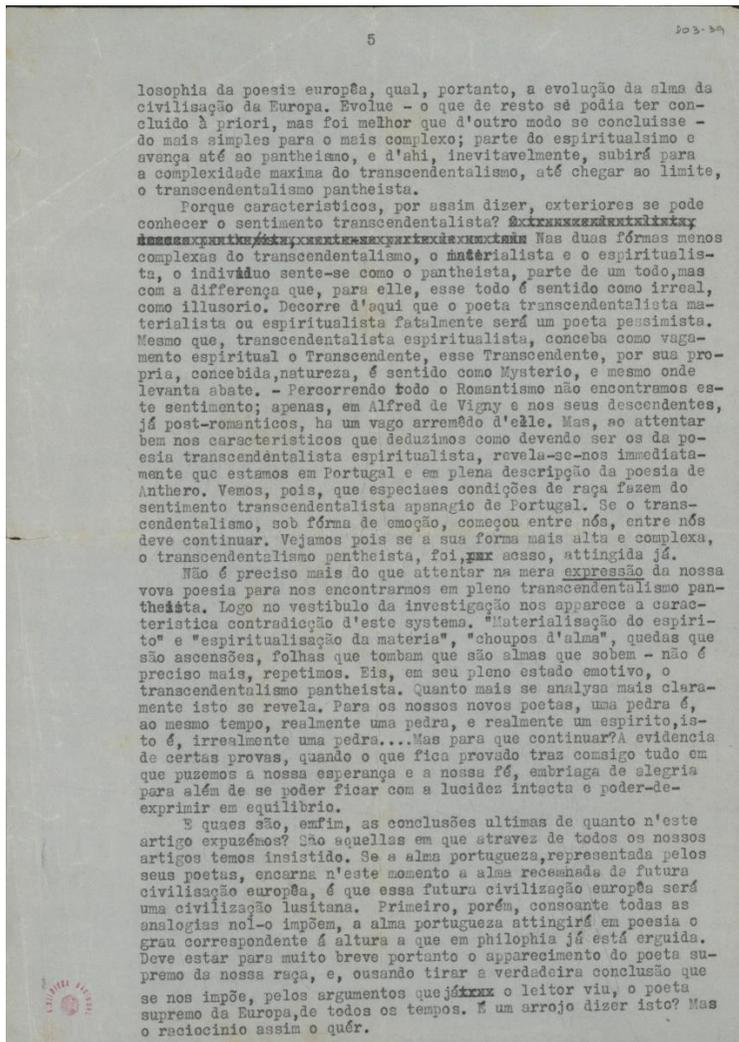
da raça a que elle pertence. Encarada a questão sob outro ponto de vista, isto ainda mais nitidamente se ~~vê~~ percebe. Na obra de philosophia a forma nada vale: a idéa é tudo. Na obra de poesia a idéa e a fórmula estão ligadas n'uma dupla unidade, unidade imaginativa, isto é, unidade que vêm da fusão da emoção e da idéa que em sua essencia é o acto de imaginar. Ora a imaginação depende da organização dos sentidos do individuo: um visual imagina de modo inteiramente diverso que um auditivo, um individuo de intensa vida interior e pouca attenção ao mundo externo, de modo differente de ambos. De que depende a organização dos sentidos? Sem duvida alguma, da hereditariedade. E a hereditariedade o que é que mais transmite e grava? Os caracteristicos de raça. O acto de imaginar é o que, pois, em linha directa descende da alma da raça. E como o mais alto grau de imaginar é o do ~~poeta~~ poeta, é na poesia que vamos buscar a alma da raça, e na philosophia d'essa poesia aquella a que se pode chamar a philosophia da raça. - O espaço não permite que mais nitidamente, ou mais argumentadamente, se exponha este problema. Para o nosso limitado caso, o pouco que aqui se expoz deve bastar.

Consideremos pois qual a philosophia do primeiro grande periodo poetico da Europa - a Renascença. Constatase sem difficuldade qual ella seja. É o espiritualismo puro e simples, em uma ~~outra~~ outra das suas fórm. Occorrerá perguntar: mas não foi a Renascença inimiga do espiritualismo? Do da ~~idade~~ idade-media foi, mas esse era um espiritualismo inferior. Da fórmula catholica e aristotelica foi inimiga a Renascença; mas foi para ser mais e mais puramente espiritualista, foi para se lançar no maior espiritualismo da Reforma e de Platão. Platonista foi, de resto, toda a poesia de algum valor da Renascença. É uma das provas, a mais flagrante.

Como vimos, o espiritualismo é um systema que tem seu centro de realidade na consciencia: logicamente, em seu temperamento, um espiritualista é um homem que dá attenção á vida interior e inferiormente á vida exterior. Toda a poesia da Renascença é de suppor portanto que gire sobre assumptos humanos e não da Natureza. Assim é: o que de supremo tem a poesia da Renascença é a poesia épica - isto é, de acção humana -, e a poesia dramatica (Renascença ingleza, culminando em Shakespeare), mais essencialmente de acção humana ~~ainda~~ mais essencialmente ainda. Com isto, fica tirada a prova real.

No Romantismo surge-nos immediatamente o contrario. Cessa, a não ser em arremêdo de influencias da Renascença, a poesia épica e dramatica; nasce a verdadeira poesia da Natureza, e apparece um novo genero de poesia amorosa. É commum a ambas um caracteristico basilar: perante a Natureza ou perante o amor, o individuo commove-se até perder a individualidade, entrega-se. Mas não se entrega como (no caso da poesia amorosa, não da Natureza) por vezes o poeta da Renascença fazia, por humilde; aqui, no Romantismo, entrega-se para viver uma vida mais ampla. Ora o individuo não se entrega - e menos então se entrega para viver - a qualquer cousa exterior que não considere como real. Temos pois, em ultima analyse, que o romantico representativo se ~~se parte~~ sente parte de uma Natureza real, ainda que espiritualmente real. Estamos em pleno sentimento pantheista. Com effeito, desde o pantheismo materialista de Goethe ao pantheismo espiritualista de Shelley, o romantismo nada é senão pantheismo.

Posto isto, ficamos sabendo quaes as "philosophias" da Renascença e do Romantismo, e vendo qual a linha evolutiva da phi-



losophia da poesia europêa, qual, portanto, a evolução da alma da civilização da Europa. Evolve - o que de resto se podia ter concluído a priori, mas foi melhor que d'outro modo se concluisse - do mais simples para o mais complexo; parte do espiritualismo e avança até ao pantheismo, e d'ahi, inevitavelmente subirá para a complexidade maxima do transcendentalismo, até chegar ao limite, o transcendentalismo pantheista.

Porque característicos, por assim dizer, exteriores se pode conhecer o sentimento transcendentalista? ~~O transcendentalista, do cetero pantheista, sente-se parte de um todo~~ Nas duas fórmias menos complexas do transcendentalismo, o materialista e o espiritualista, o individuo sente-se como o pantheista, parte de um todo, mas com a differença que, para elle, esse todo é sentido como irreal, como illusorio. Decorre d'aqui que o poeta transcendentalista materialista ou espiritualista fatalmente será um poeta pessimista. Mesmo que, transcendentalista espiritualista, conceba como vagamente espiritual o Transcendente, esse Transcendente, por sua propria, concebida, natureza, é sentido como Mysterio, e mesmo onde levanta abate. - Percorrendo todo o Romantismo não encontramos este sentimento; apenas, em Alfred de Vigny e nos seus descendentes, já post-romanticos, ha um vago arremêdo d'elle. Mas, ao attentar bem nos característicos que deduzimos como devendo ser os da poesia transcendentalista espiritualista, revela-se-nos immediatamente que estamos em Portugal e em plena descripção da poesia de Anthero. Vemos, pois, que especiaes condições de raça fazem do sentimento transcendentalista apanagio de Portugal. Se o transcendentalismo, sob fórmula de emoção, começou entre nós, entre nós deve continuar. Vejamos pois se a sua forma mais alta e complexa, o transcendentalismo pantheista, foi, ~~por~~ acaso, attingida já.

Não é preciso mais do que attentar na mera expressão da nossa nova poesia para nos encontrarmos em pleno transcendentalismo pantheista. Logo no vestibulo da investigação nos apparece a característica contradicção d'este systema. "Materialisação do espirito" e "espiritualisação da materia", "choupos d'alma", quedas que são ascensões, folhas que tombam que são almas que sobem - não é preciso mais, repetimos. Eis, em seu pleno estado emotivo, o transcendentalismo pantheista. Quanto mais se analisa mais claramente isto se revela. Para os nossos novos poetas, uma pedra é, ao mesmo tempo, realmente uma pedra, e realmente um espirito, isto é, irrealmente uma pedra... Mas para que continuar? A evidencia de certas provas, quando o que fica provado traz comsigo tudo em que puzemos a nossa esperança e a nossa fé, embriaga de alegria para além de se poder ficar com a lucidez intacta e poder-de-exprimir em equilibrio.

E quaes são, emfim, as conclusões ultimas de quanto n'este artigo expuzémos? Cao aquellas em que stravez de todos os nossos artigos temos insistido. Se a alma portugueza, representada pelos seus poetas, encarna n'este momento a alma recémada da futura civilização europêa, é que essa futura civilização europêa será uma civilização lusitana. Primeiro, porém, consoante todas as analogias nol-o impõem, a alma portugueza attingirá em poesia o grau correspondente á altura a que em philosophia já está erguida. Deve estar para muito breve portanto o apparecimento do poeta supremo da nossa raça, e, ousando tirar a verdadeira conclusão que se nos impõe, pelos argumentos que já ~~traz~~ o leitor viu, o poeta supremo da Europa, de todos os tempos. É um arrojio dizer isto? Mas o raciocinio assim o quer.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).